

CANASTRÕES

Nesses dois crimes horríveis — um novo, outro antigo, mas só agora elucidado — há detalhes que parecem fabricados por novelistas do macabro inclinados a produzir efeitos baratos. O homem que em 1946 assassinou um outro com 28 facadas no Parque Municipal de Belo Horizonte, teve, depois do crime, um problema a resolver: sua roupa estava toda suja de sangue, o terno, a camisa, as meias. Pediu a uma empregada ou agregada de sua família que lavasse tudo, mas por mais que a moça fizesse não conseguiu tirar as manchas de sangue. Ele então escondeu a roupa durante uns três meses, até que teve uma chance de se ver livre dela: deu tudo de presente à garotada do bairro para vestir o judas que foi malhado e queimado no sábado de Aleluia.

Terá ele mesmo ajudado a compor o boneco sinistro com sua roupa, como aquêles seringueiros do Acre, da impressionante página de Euclides da Cunha, que fazem o judas à sua própria imagem e semelhança e o alvejam com pedradas e tiros quando ele se afasta, bamboleante, para o meio do rio, numa jangada improvisada? Talvez tenha assistido ao martírio e a cremação de seu próprio judas — talvez com um suspiro de alívio, talvez pensando na sua vítima ou naquele pobre negro suspeito que, apertado pela polícia, se matou na cadeia. Não se terá sentido um instante dentro da roupa do judas, batido e trucidado pelos moleques na rua? A resposta mais provável é esta: não sentiu nada.

No crime da Estrada Velha da Pavuna tudo se passa com um ar tão normal que tudo parece feito por sonâmbulos. Tudo é combinado e feito com a maior leviandade, como se fôsse uma brincadeira. Como sua mulher não se dava bem com a sogra, o português resolveu matar a velha. Não há emoção na sua narrativa, nem na de sua mulher: era preciso acabar com a velha, o sujeito contratado para isso estava demorando muito com o serviço, por isso ele entrou no quarto. E quando os dois revistaram a velha encontraram um saquinho preso por um alfinete de segurança na combinação, dentro estava a sua aliança de casamento e a de seu defunto marido. E no pescoço, tinha um cordão com o retratinho em esmalte do filho que a estrangulara...

Aqui passamos de um judas pirandelliano para uma peça berrada por Vicente Celestino. A vida continua a imitar a literatura — e frequentemente com muito mau gosto. Os jornais andam cheios de crimes de tarados e irresponsáveis — e com a repetição eles já vão parecendo coisas normais. Os próprios criminosos, que parecem fazer suas confissões quase bocejando de tédio, banalizam todos os dramas. São sujeitos burros como esse matricida, incrivelmente levianos, como esse assassino do Parque, só descoberto porque andou contando sua proeza a outras pessoas.

O psicanalista da Penitenciária das Neves deu uma entrevista dizendo que seus clientes são, quase sempre "gente pacata". Se mostram alguma anormalidade psíquica é por estarem presos... O monstro de Londres é um sujeito tímido, medíocre e sem interesse. Há muitas tragédias, com detalhes ricos e imaginativos; mas os atores são ruins e fazem tudo sem vibração, sem nenhum senso patético, como um sujeito que interpretasse um canibal e depois de comer um pessoa fôsse ao armazém da esquina comprar uma caixa de palitos marquezinhos. Não sei se eles merecem ser linchados; mas valados, isso não há dúvida nenhuma.

21/4/53

R. B.